

ESTRUTURAS EM TERRA NO MEGALITISMO PORTUGUÊS: UMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA

Goreti Sousa

CICRA – Centro de Construções Rurais e Ambiente

Escola Superior Gallaecia

Largo das Oliveiras, 4920-275 Vila Nova de Cerveira

Tel. (+351) 251 794 054 Fax. (+351) 251 794 055

E-mail: goreti.sousa@gmail.com

Tema 1: Arqueologia, Arte e Antropologia

Palavras-Chave: Arquitectura em terra, Pré-História, Tumulus.

Resumo

Durante os primeiros séculos da arqueologia portuguesa foi grande o interesse pelo estudo das origens através de monumentos e ruínas, mas só ao longo do século XIX se assiste ao crescente interesse pela pré-história numa perspectiva científica. Mais precisamente foi na segunda metade desse século que se registam os principais avanços metodológicos e interpretativos.

Esta foi também uma fase, de grande interesse pelo megalitismo, em que a necessidade de traçar tipologias de monumentos leva a que se estudem todos os elementos construtivos do mesmo. Pela primeira vez os investigadores portugueses olham para além das monumentais câmaras pétreas e prestam atenção aos elementos em terra.

Ao contrário de simples amontoados de terra, subsidiários de estruturas pétreas de grande porte, os *tumuli* passam a ser encarados como verdadeiras construções estruturadas, bastante mais complexas do ponto de vista arquitectónico, mas também simbólico, do que se supusera até esse momento.

O principal objectivo da comunicação proposta é traçar a evolução das principais linhas de investigação arqueológica centradas nos elementos térreos que integram os monumentos tumulares e megalíticos (os *tumuli*). Esta análise incidirá na importância atribuída aos *tumuli*, ao longo das primeiras etapas da arqueologia portuguesa, até à segunda metade do séc. XIX. Concluindo com uma breve resenha dos avanços mais significativos das últimas décadas nesta linha de investigação.

Desta forma pretende-se alertar para a complexidade metodológica e interpretativa dos elementos em terra no património pré-histórico português, sistematicamente desvalorizados por comparação com os elementos pétreos.

1. INTRODUÇÃO:

Nas últimas décadas tem-se vindo a chamar a atenção para a inadequação do termo megalitismo, face à complexidade do fenómeno a que este faz referência. Em primeiro lugar, e centrando-nos apenas na sua vertente funerária, os trabalhos mais recentes têm confirmado um acentuado polimorfismo das estruturas ditas megalíticas, pelo que para alguns autores se deveria falar de megalitismos, deixando de parte a ideia de um fenómeno unitário ou homogéneo. Por outro lado, algumas dessas estruturas dificilmente se enquadrariam na definição clássica do termo (mega=grande / lithos=pedra), pelo que o conceito megalitismo deveria reservar-se para as grandes câmaras pétreas, ou megalíticas, as quais não esgotam este fenómeno tumular.

Chegando mesmo a haver quem defenda que os grandes dólmenes seriam uma expressão excepcional de um fenómeno mais vasto, onde se enquadram construções em terra e em madeira.

Face ao polimorfismo das estruturas internas, o *tumulus*, montículo artificial de terra ou de terra e pedras, surge como um elemento de unidade e, enquanto tal, depois de ter sido tanto tempo negligenciado, ganha destaque nas actuais linhas de investigação.

“Estamos actualmente tão conscientes do polimorfismo dos monumentos designados «megalíticos» quer no que respeita às estruturas internas, quer externas, que apenas podemos indicar um denominador comum: o serem providos de um *tumulus*, ou *mamoá*” (Jorge, 1987, p.275).

2. PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA:

2.1. As primeiras referências

A primeira referência concreta a monumentos megalíticos portugueses, de que temos notícia, remonta a 1571. Trata-se de uma carta de Frei Martinho de São Paulo, dirigida ao monarca D. Sebastião relatando a destruição de alguns desses monumentos na região da Serra de Ossa.

Durante o século seguinte essas referências tornam-se mais frequentes: num manuscrito datado de 1609, Manuel Severim de Faria, descreve alguns monumentos megalíticos das Beiras e em 1655 vê publicada uma compilação de vários textos seus sob o título *Noticias de Portugal*. Trinta anos antes (1625) Gaspar Estação publicara igualmente as suas *Varias antiguidades de Portugal*.

Contudo nestes primeiros textos os monumentos surgem como meras curiosidades inseridas em narrativas de índole literária, sendo tratados de forma superficial e genérica. Logo não se encontra ainda qualquer referência ao *tumulus*, uma vez que todas as atenções se centram nas impressionantes estruturas pétreas e no mistério que constitui a sua origem.



Fig. 1 - Perspectiva do dólmen da Barrosa em 3D (Créditos: Alejandro López, 2003)

Ao longo do século XVIII a arqueologia portuguesa sofre um forte impulso renovador multiplicando-se as notícias manuscritas e as obras publicadas onde se descrevem monumentos megalíticos. A 30 de Julho de 1733, Martinho de Mendonça e Pina, apresenta á Academia Real das Ciências de Lisboa, uma comunicação que versava sobre *Aquelles antiquissimos, e rudes Altares, que se achão em varias partes de Portugal, e que vulgarmente se chamão Antas*. No ano seguinte, o tema volta a ser

abordado, desta feita pelo Padre Afonso de Madre de Deus Guerreiro. Em 1738 Frei António Contador de Argote publica *Antiguidades do Conventus Bracarenensis* e em 1761 o Abade José Gaspar Simões dá-nos notícia, num manuscrito conservado na Biblioteca de Évora, de algumas antas do Alentejo e das Beiras.

O interesse pelos monumentos megalíticos prende-se agora com a natural curiosidade pelas origens da nacionalidade. Assim, procura-se determinar quem os construíra, quando o tinham feito e com que finalidade.

Note-se contudo que ainda não se encontram referências à escavação de monumentos e que as suas características arquitectónicas parecem ser pouco relevantes para estes intelectuais.

Desinteresse esse que irá arrastar-se sem substanciais alterações até meados do século seguinte. Mas na segunda metade do século XIX a arqueologia portuguesa afirma-se definitivamente como disciplina científica.

2.2. A segunda metade do séc. XIX

2.2.1.

s protagonistas:

Uma série de factores contribuíram para esta renovação da arqueologia portuguesa na segunda metade do séc. XIX, entre os quais podemos citar a criação dos Serviços Geológicos de Portugal, que em 1880, promoveram a realização, em Lisboa, o *IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas*, evento no qual se reuniram importantes nomes da arqueologia europeia.

Este foi, naturalmente, um momento emblemático para a arqueologia portuguesa, inspirador para toda uma geração de jovens arqueólogos, que muito viriam a contribuir para o desenvolvimento da disciplina até às primeiras décadas do século XX.

O estudo de monumentos megalíticos, no âmbito dos Serviços Geológicos, centrou-se essencialmente nas regiões centro e sul de Portugal. Contudo no norte, exercia a sua influência uma personagem não menos ilustre: Martins Sarmento.

Um arqueólogo auto-didacta que dedicou a maior parte do seu tempo ao estudo da pré-história do Norte de Portugal, levando a cabo um importante trabalho de registo dos mais variados monumentos pré-históricos, dos quais vai dando conhecimento num vasto espólio bibliográfico disperso por distintas publicações periódicas.

Um outro nome incontornável da arqueologia portuguesa deste período foi Leite de Vasconcelos, para sempre associado à fundação do Museu Etnológico, actual Museu Nacional de Arqueologia e à publicação da Revista *O Archeólogo Português*, cujo primeiro tomo foi publicado em 1885.

Nesse mesmo ano o ilustre arqueólogo publicou a obra *Portugal Pré-Histórico*, à qual juntou em 1897 *As Religiões da Lusitânia*. Duas obras de síntese que se juntaram às recentemente publicadas por outros autores como Augusto Filippe Simões (Simões, 1878) ou Pereira Costa (Costa, 1868).

2.2.2. As ideias

A publicação de obras de síntese como as atrás citadas encerra este ciclo da arqueologia portuguesa, divulgando os principais trabalhos realizados e sistematizando as ideias e interpretações veiculadas pelos investigadores. Para os objectivos do presente artigo o tema mais interessante que se debate neste período é

a questão tipológica, uma vez que esta gira em torno da distinção entre dólmenes cobertos e descobertos. Ambos os grupos subdividindo-se de acordo com uma série de particularidades relativas ao número e à forma de colocação dos esteios e ao tipo de planta. Assim se na distinção de subgrupos apenas se têm em conta as particularidades das grandes estruturas pétreas a divisão entre dólmenes cobertos e descobertos diz directamente respeito à importância e à função que se atribui ao *tumulus*.

Autores como Augusto Filipe Simões defendem que a existência ou não de *tumuli* era efectivamente uma característica arquitectónica diferenciadora, sendo a necessidade de cobrir a estrutura dolménica com uma camada de terra justificada pelas condições climáticas. Sustentando esta hipótese na observação da predominância de dólmenes descobertos nas regiões mais meridionais da Europa onde o clima não é tão propenso ao frio. O mesmo tipo de distribuição geográfica observava em Portugal, onde os dólmenes descobertos eram mais numerosos no Alentejo.

Uma vez formulada esta distinção tipológica serve-se dela como base para diferenciar quanto à função os monumentos tumulares, uma vez que na sua óptica apenas os que recobrem uma estrutura dolménica teriam verdadeiramente uma função funerária: “*nem todas as mamunhas são verdadeiros túmulos na accepção archeologica d’esta palavra. Faltam em muitas o dolmen interior*” (Simões, 1878, p.86-87).

Desta afirmação parece depreender-se que Filipe Simões estabelece uma separação entre a massa tumular e a estrutura interna, mas de especial interesse é a constatação de que existem efectivamente mamoaas sem estruturas dolménicas.

Posição bem distinta é a que defende, entre outros, Martins Sarmiento, no seu artigo *Observações acêrca do Vale do Âncora*, para quem a distinção tipológica entre dólmenes cobertos e descobertos não fazia qualquer sentido, uma vez que para ele “*Não há dólmen sem mamoa*” (Sarmiento, 1933b, p.63).

Por outro lado, não deixa de acompanhar Augusto Filipe Simões na constatação de que nem todas as mamoaas guardam no seu interior um verdadeiro dólmen. Martins Sarmiento regista, no Minho, a existência de dois tipos de monumentos: os dólmenes e as cistas, uns e outros cobertos pela respectiva mamoa (Sarmiento, 1933b). Chegando mesmo a servir-se da análise das dimensões (diâmetro e altura) da mamoa para determinar o tipo de câmara que escondem no seu interior nos inúmeros casos em que esta se encontrava destruída (Sarmiento, 1896, p.30). Convertendo-se assim num dos primeiros arqueólogos portugueses a estudar os aspectos construtivos não apenas das estruturas pétreas mas também da massa tumular.

Leite de Vasconcelos, testemunha, na sua monumental obra *Religiões da Lusitânia*, a mesma crença na inexistência de sepulturas dolménicas desprovidas de *tumulus* e a mesma atenção dedicada ao estudo das particularidades construtivas desse elemento que considera imprescindível uma vez que “*(...) só a mamôa, servindo de plano inclinado, explica que o enorme chapéu da anta pudesse ser alevantado para o seu logar*” (Vasconcelos, 1981, p.263).

A mamoa surge nesta fase como uma estrutura fundamental do fenómeno tumular e megalítico cuja função seria essencialmente construtiva, servindo simultaneamente para conferir consistência às estruturas dolménicas e como base de apoio para a elevação e colocação das pesadas coberturas pétreas.

Contudo as linhas de investigação que ao longo do século seguinte se abriram conferem-lhe um significado que vai muito além desta função construtiva ou estrutural, colocando em evidência o seu eminente valor simbólico.

"Parece claro que el túmulo es el mayor acaparador de superficie en extensión y en altura y, por tanto, pese a la poca importancia que se le daba hasta no hace tanto tiempo, debe constituir el espacio más significativo para el grupo que lo erige." (Bueno Rodríguez, 1991, p.104)



Fig. 2 - Vista da laje de cobertura de Chã de Parada 1 acima da massa tumular (créditos: Goreti Sousa, 2006)

3. AS PERSPECTIVAS ACTUAIS:

Por outro lado, mesmo do ponto de vista construtivo novas evidências se têm vindo a impor com o progresso das escavações em monumentos tumulares. Uma das mais significativas é certamente a consciência da sua complexidade estrutural e arquitectónica.

A construção em terra não é simples, exige atenção e cuidado, devendo ser entendida como uma sequência de actos técnicos, mas também rituais e/ou simbólicos. Passemos então a observar com mais detalhe os procedimentos técnicos envolvidos na construção de um *tumulus*.

Num momento inicial da construção, e após a cuidada e criteriosa escolha do local, havia que limpar e preparar o terreno para a construção da câmara e da massa tumular.

Uma vez preparado o terreno havia que transportar a terra para o local e acumula-la contra os esteios da câmara ou os contrafortes dos mesmos. Nalguns casos, registados na vizinha Galiza, existem indícios de que a terra seria previamente tratada, possivelmente crivada ou peneirada.

Tal é o caso do Monumento 1 de As Pontes de García Rodríguez, escavado por José María Eguileta no âmbito de uma escavação de urgência realizada entre Junho e Agosto de 1993, em que a ausência de quartzos entre a terra que compõe a massa tumular o leva a supor que esta tivesse sido previamente crivada (Eguileta Franco, 1995/96, pp.129-131). Idêntico tratamento das terras que compõe a massa tumular

identifica Jacobo Vaquero Lastres no *tumulus* de Reboredo 1 (Vaquero Lastres, 1995, p.98)



Fig.3 - Mamoia 3 de Menina do Castro, com a massa tumular cortada por abertura de via (créditos: Goreti Sousa 2006)

Por outro lado, se grande parte das mamoas escavadas até ao momento parecem ter sido construídas com base na acumulação de terras de origem local, também se têm registado alguns casos em que as terras poderiam muito bem ser de diferentes proveniências. Uma característica que se torna perceptível na análise das distintas colorações e texturas das terras acumuladas. Para citar um exemplo desta particularidade podemos regressar às investigações de Martins Sarmento, que no final do séc. XIX nos deixava já a seguinte observação acerca da Mamoia de Aspra: “*é composta de terra vegetal, misturada com pequenas pedras, e em todo o caso de terra, que facilmente se vê ter sido acarretada d’outra parte*” (Sarmento, 1896, p.30).

Um exemplo mais recente surge claramente no monumento galego de As Pereiras escavado por Antonio de la Peña Santos, o qual apresentava na sua composição terras de diferentes proveniências (Gómez Nistal, 2001, p.44).

Até este momento os exemplos citados, independente da proveniência das terras, são constituídos predominantemente de solo humoso, mas também encontramos no Norte de Portugal algumas mamoas constituídas, não por solo humoso, mas por argila, uma particularidade já identificada por Martins Sarmento, como se depreende da sua observação de que “*a do Fraião parece ter sido um massiço natural de terra barrenta, a que a arte deu depois a fôrma semi-esférica (...)*” (Sarmento, 1896, p.30). Outros exemplos de *tumuli* constituídos essencialmente por terra argilosa têm vindo a ser identificados desde essa data, como é o caso da Mamoia da Gestosa em Vila Nova de Gaia (Jorge, 1983-84, p.39).

Em relação a estas estruturas compostas por terra argilosa, encontrou-se mais recentemente indícios de compactação por acção do fogo, como exemplo nos casos da mamoa d'Alagoa e da Mamoa 1 do Castelo (ambas em Jou, Murça, Trás-os-Montes) escavadas por Maria de Jesus Sanches.



Fig. 4 - Vista do corredor de Chã de Parada 1 durante escavação (créditos: Goretí Sousa, 2006)

Uma vez dispostas as terras até se atingir o diâmetro e a altura desejados seria altura de colocar o revestimento de pedras imbricadas que forma a couraça lítica, nos casos em que reveste a totalidade do monumento, ou a coroa circular, nos casos em que o revestimento apenas atinge a periferia do monumento (Jorge, 1987, pp.269-286).

As pedras da couraça são geralmente de tamanho médio e apresentam quase sempre um formato perfeitamente adaptado ao interstício que irá cobrir, também se pode usar lajes maiores, que no entanto não conferem a mesma estabilidade à estrutura. As couraças pétreas fornecem uma eficaz protecção ao monumento.

Na mamoa anteriormente citada d'Alagoa, Maria de Jesus Sanches encontrou indícios de que as primeiras pedras da couraça foram colocadas sobre as cinzas ou possivelmente sobre as brasas das fogueiras ateadas sobre a terra argilosa que compõe a massa tumular e que sobre essas pedras se continuou a realizar fogo até à conclusão do revestimento pétreo (Sanches e Nunes, 2004, p.11).

Outros elementos pétreos podem também fazer parte da massa tumular. Os mais comuns seriam os anéis periféricos formados por lajes de granito de maiores dimensões dispostos obliquamente e formando uma espécie de fecho do monumento.

O monumento ficaria assim concluído, com a colocação destes elementos pétreos cuja função seria a de consolidar as terras que formam a massa tumular e de as proteger.

Porém a moderna investigação tem vindo a demonstrar que os túmulos não são construções estáticas e que sofrem remodelações, reutilizações ou simples trabalhos de manutenção.

“Estamos diante dunha arquitectura viva e de transformación que rompe cos moldes inmobiliistas atribuídos ás sociedades primitivas” (Caamaño Gesto, 2007, p.143).

4. CONCLUSÃO:

A segunda metade do século XIX foi a muitos níveis uma época de especial relevo para a arqueologia portuguesa. Para o estudo do megalitismo foi mesmo um ponto de viragem, com a realização das primeiras escavações arqueológicas, a aplicação de novos métodos de trabalho e o surgimento de novas perspectivas teóricas.

Também, no que se refere ao estudo dos *tumuli* foi um momento decisivo, já que parece ter despertado a consciência do seu papel enquanto elemento indissociável do conjunto que constitui o monumento megalítico. Reconhecendo-se definitivamente a importância deste elemento construtivo em terra até aí totalmente esquecido.

Ainda que não de forma consensual, existe já a percepção de que o *tumulus* constitui o elemento básico do fenómeno tumular, constituindo um elemento fundamental, nomeadamente do ponto de vista construtivo, ao permitir a colocação das pesadas lajes de cobertura e estrutural ao contribuir para a consolidação das câmaras pétreas que se abrem no seu interior.

Este reconhecimento permitiu que ao longo do século seguinte se fossem abrindo linhas de investigação que muito contribuíram para a consolidação dos nossos conhecimentos sobre esses elementos construtivos em terra tão relevantes no seio de um fenómeno arquitectónico caracterizado pelas monumentais estruturas pétreas.

O recente avanço das escavações arqueológicas ao colocar em evidência o polimorfismo das estruturas megalíticas contribuiu de forma decisiva para realçar o *tumulus* do ponto de vista simbólico uma vez que *“no fundo, o facto de haver ou não estruturas internas, ou destas serem aéreas (pequenos dólmenes, eventualmente cistas) ou subterrâneas (fossas ou poços) seria menos importante do que a circunstância de se tratar de enterramentos selados, (...) evidenciados no solo por uma mamoa”* (Jorge, 1992, p.469). Facto para o qual chamava já a atenção Martins Sarmento ao considerar o *tumulus* como um elemento de unidade perante a diversidade arquitectónica que observava no megalitismo minhoto.

Assemelha-se clara a forma como algumas ideias que as actuais linhas de investigação têm vindo a comprovar parecem ter sido, de alguma forma, intuídas pelos mais destacados investigadores da segunda metade do século XIX.

Perante tal constatação impõe-se uma interrogação: não terá chegado o momento em que se torna premente a necessidade de uma síntese historiográfica da arqueologia portuguesa?

A resposta vislumbra-se com clareza uma vez que só partindo de um profundo conhecimento dos trabalhos anteriores será possível detectar e colmatar lacunas de investigação que podem ser tão significativas como a que serve de base à presente reflexão.

Os *tumuli* que durante tanto tempo foram os grandes esquecidos pelos trabalhos de investigação sobre o fenómeno tumular e megalítico português assumem-se hoje como um dos seus elementos mais relevantes.

Quebrado esse véu de esquecimento muito se tem evoluído nas últimas décadas no que diz respeito ao conhecimento destes elementos em terra que assumem actualmente um papel central no entendimento do fenómeno tumular e megalítico. Contudo, é nossa convicção que muito resta ainda para conhecer durante as próximas décadas.

Bibliografia

Argote, J. C. (1738). *De Antiquitatibus conventus Bracaraugustani*. Lisboa: Officina Sylviana.

Bueno Rodríguez, P. (1991). *Megalitos en la Meseta Sur: los dolmenes de Azutan y la Estrella (Toledo)*. Madrid: Ministerio de Cultura / Dirección General de Bellas Artes y Archivos.

Caamaño Gesto, J.M. (2007). Prehistoria de Galicia. A *Gran Historia de Galicia*. A Coruña: Arrecife, pp.99-243.

Costa, F.A. P. (1868). *Monumentos prehistoricos: dolmins ou antas de Portugal, noções sobre o estado prehistorico da terra e do homem seguidas da descrição de alguns dolmins ou antas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia.

Cruz, D. J. da (1988). O Megalitismo do Norte de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp.15-41.

Eguileta Franco, J. M. (1995/96). Sondeos arqueológicos de urgencia en "As Medoñas da Mourela" y prospección en el polígono industrial de "Penapurreira" (As Pontes de García Rodríguez, A Coruña): memoria de las actividades. *Boletín do Museo Provincial de Lugo*. Lugo: Diputación Provincial de Lugo, pp.125-155.

Fabião, C. (1999). Um século de Arqueologia em Portugal. *Al - madan: Arqueologia, Património, História Local*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, pp.104-126.

Gómez Nistal, C. (2001). Neolitización y Megalitismo en el entorno de la Ria de Vigo: estado actual de la Investigación. *Gallaecia*. Santiago de Compostela: Departamento de Historia I, Faculdade de Xeografía e Historia, Universidade de Santiago de Compostela, pp.39-59

Jorge, V. O. (1980). Escavação da Mamoia 1 de Outeiro dos Gregos, Serra da Aboboreira, Baião. *Portugália*. Porto: Instituto de Arqueologia da FLUP, pp.9-28.

Jorge, V. O. (1983-84). Megalitismo do Norte de Portugal: um novo balanço. *Portugália*. Porto: Instituto de Arqueologia da FLUP, pp.37-45.

Jorge, V.O. (1987). Megalitismo de Entre-Douro-e-Minho e de Trás-os-Montes (Norte de Portugal): Conhecimentos actuais e linhas de pesquisa a desenvolver. *Revista da Faculdade de Letras – História*. Porto: Universidade do Porto, pp.269-286.

Jorge, V.O. (1992). As Mamoas Funerárias do Norte de Portugal (do Neolítico à Idade do Bronze Antigo) como elementos indicadores de uma progressiva complexidade social: Esboço preliminar da questão. *Revista da Faculdade de Letras – História*. Porto: Universidade do Porto, pp.463-480.

Masset, C. (1997). *Les Dolmens sociétés néolithiques et pratiques funéraires: Les sépultures collectives d'Europe Occidentale*. Paris: Editions Errance.

Sanches, M. J.; Nunes, S. A. (2004). Resultados da escavação da Mamoa d'Alagoa (Toubres - Jou) - Murça (Trás-os-Montes). *Portugália*. Porto: Instituto de Arqueologia da FLUP, pp.5-42.

Sarmiento, F. M. (1896). Materiaes para a archeologia do districto de Vianna. *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*. Porto: Typographia Occidental, pp.23-31.

Sarmiento, F. M. (1933). A Civilização da pedra polida no Minho. *Dispersos (Colectânea de artigos publicados desde 1876 a 1899, sôbre arqueologia, ethnologia, mitologia, epigrafia e arte pre-historica)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp.290-295.

Sarmiento, F. M. (1933a). Materiais para a arqueologia da Comarca de Barcelos: antas e antelas. *Dispersos (Colectânea de artigos publicados desde 1876 a 1899, sôbre arqueologia, ethnologia, mitologia, epigrafia e arte pre-historica)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp.153-164.

Sarmiento, F. M. (1933b). Observações acêrca do Vale do Âncora. *Dispersos (Colectânea de artigos publicados desde 1876 a 1899, sôbre arqueologia, ethnologia, mitologia, epigrafia e arte pre-historica)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp.63-67.

Simões, A. F. (1878). *Introdução á archeologia da Peninsula Iberica – Parte primeira: Antiguidades prehistoricas*. Lisboa: Livraria Ferreira.

Vaquero Lastres, J. (1995). Túmulos de Reboredo. RB1-2 (As Pontes, A Coruña). *Arqueoloxía – Informes*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, pp.95-101.

Vasconcelos, J. L. (1885). *Portugal pré-histórico*. Lisboa: David Corazzi Editor.

Vasconcelos, J. L. (1981). *Religiões da Lusitânia na parte que principalmente se refere a Portugal (reimpressão fac-similada da 1ª edição)*. Vila da Maia: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Curriculum

Licenciada em História (FLUP/UP, 1998), DEA em Pré-História (FXH/USC, 2003). Doutoranda em Pré-História (FXH/USC, desde 2004) e bolseira da Fundação Ciência e Tecnologia (FCT). Colaboradora dos centros de Investigação: CICRA (ESG), *Centro de Investigación Arqueoloxia e Ecoloxia do Fenómeno Megalítico Galego (USC, 2003)* e *NARQ (UM, 2007)*.